

A importância de uma prática pedagógica progressista na disciplina de bioética

The importance of a pedagogic progressive practice in the discipline of bioethics

Alexandre Ribeiro
Alcaide*
Débora Gomes**

RESUMO

O termo bioética surgiu com Potter, na década de 1970, após crescente preocupação com o meio ambiente frente aos avanços tecnológicos. A palavra, inicialmente, derivou-se de um neologismo entre a palavra “bio” e a palavra “ética”. Hoje a palavra bioética significa muito mais do que um simples neologismo, e é reconhecida como o estudo da ética e do bem estar da humanidade em todas as etapas da vida, como também da morte, e vem de forma crescente ganhando adeptos no mundo todo. A importância do ensino da bioética nas mais diversas camadas do conhecimento humano também vem crescendo, mas a pergunta é como lecionar dentro de um campo de estudo tão vasto, que discute e repensa tantos valores? O presente trabalho visa discutir os benefícios de uma pedagogia progressista autônoma que é defendida, por educadores como Paulo Freire, como uma ação capaz de formar ao invés de somente treinar, como a forma de fazer o educando refletir seus problemas e através dessa reflexão buscar alternativas e soluções, e é através dessa pedagogia que o estudo da bioética agrega ainda mais valores, pois nos leva a uma reflexão autônoma de nossa realidade, sem um laço atado com valores morais muitas vezes reacionários e hipócritas, e que apenas restringem o pensamento bioético a um estudo tecnicista e pouco aproveitado em nossa vida prática.

DESCRITORES

Bioética – estudo e ensino; Ética; Educação

ABSTRACT

The term “bioethics” appeared with Potter, in the 1970’s, after an increasing concern with the environment before technological advances. The word derived initially from a neologism created by uniting “bio” to “ethics”. Today bioethics means much more than a simple neologism, and it is recognized as the study of ethics and well-being of mankind in all stages of the life, including death, and gains increasingly supporters in a worldwide scale. The importance of the education of bioethics in the different levels of human knowledge is also growing, but the question is how to teach about so vast a field, that puts in question and rethinks so many values. The present work aims to discuss the benefits of a independent progressive pedagogy that is defended by educators like Paulo Freire, as an action able to form instead of only training, as a way to make students reflect on their own problems and through this reflection search alternatives and solutions. And it is through this pedagogy that the study of bioethics adds still more values, for it leads to an independent reflection on our reality, without being tied to several reactionary and many times hypocritical moral values that only limits bioethical thought to a technicist study and little used in our practical life.

KEYWORDS

Bioethics – study and teaching; Ethics; Education

* Mestrando em Bioética pelo
Centro Universitário São Camilo.

** Mestranda em Bioética pelo
Centro Universitário São Camilo.

REALIDADE SOCIAL E A BIOÉTICA

A palavra bioética apareceu nos anos 1970 em um artigo do médico americano Van Rensselaer Potter, e primeiramente foi somada a vários termos amplamente conhecidos no vocabulário biomédico, como ética, moral e deontologia. Mas o novo termo se espalhou rapidamente, pois respondia a novas perguntas e questionamentos que estavam angustiando vários pensadores contemporâneos quanto aos avanços tecnológicos.

Potter reivindicava para a bioética um vasto campo de aplicação, que incluía o controle da população, a paz, a pobreza, a ecologia, a vida animal, o bem estar da humanidade, e, por consequência, a sobrevivência da espécie humana e do planeta como um todo. Vários fatores colaboraram para o crescimento da bioética como fonte de estudo, como o desenvolvimento tecnocientífico, a emergência dos direitos individuais, a modificação da relação médico-paciente, e o pluralismo social (Durand, 1999).

A esta bioética descrita por Potter foram agregados conhecimentos anteriores, como a filosofia ética, iniciada por Sócrates e discutida por inúmeros filósofos até os dias de hoje, além dos conhecimentos obtidos pela humanidade após o julgamento de Nuremberg, gerador do “código de Nuremberg”.

A partir da década de 1990, tivemos no Brasil uma preocupação do pensamento bioético com a realidade social cá existente. Nesse período, a bioética torna-se mais coletiva, e sua reflexão passa a lidar com os problemas das desigualdades sociais, da alocação de recursos escassos, da responsabilidade coletiva sobre a assistência à saúde e justiça, dentre outros.

Justiça é definida pelo *Petit Robert* como “a apreciação justa, reconhecimento e respeito aos direitos de cada um”, uma definição próxima da de Beauchamp e Childress, quando dizem que “há justiça quando se obtém o que se merece, recebe-se o que é devido, colhe-se aquilo, a que se tem direito”. Não é difícil de perceber que vivemos em uma sociedade em que o referencial bioético de justiça existe apenas para uma imensa minoria de cidadãos, pois a grande

maioria não “recebe o que é devido”, sendo portanto óbvio dizer que não existe justiça, principalmente social, em nosso país.

O princípio da justiça em bioética é idealizado quando, de forma utópica, imaginamos uma sociedade na qual cada um receberia o que lhe fosse devido, uma sociedade em que existiriam saúde, educação e alimentação ao alcance de todos os indivíduos que dela fizessem parte. Qual o papel das discussões e reflexões bioéticas em torno do referencial de justiça, se não criarmos uma sociedade mais justa no futuro? E para que esta sociedade seja criada no futuro, não precisamos no presente formar indivíduos capazes de criticar a justiça que hoje é inexistente? Não precisamos formar cidadãos que busquem soluções para estas questões de justiça e equidade social? Este é o principal papel hoje da bioética, democratizar a informação, buscando reflexões que nos levem a soluções concretas em busca dessa justiça, que hoje só conhecemos nas definições do *Petit Robert* e de Beauchamp e Childress.

Não precisamos analisar muitos dados estatísticos para confirmarmos a desigualdade social que atinge a nossa sociedade. Nosso país tem uma taxa de 29% de analfabetos entre pessoas maiores de 15 anos de idade, uma taxa de mortalidade infantil de 39/1.000 nascidos vivos do sexo masculino e 30/1.000 nascidos vivos do sexo feminino, nossa taxa de desemprego é assombrosa — em agosto de 2001, as taxas oficiais de mensuração do desemprego tinham uma prevalência de 6,2%. Todos estes indicadores são consideradas muito acima das taxas consideradas aceitáveis para países em desenvolvimento (Sabóia 1996, apud Fortes, 2002).

JUSTIÇA SOCIAL E EQUIDADE

Nos dias de hoje, é de extrema importância para a bioética a reflexão sobre as realidades encontradas em nossa sociedade, e, a partir dessas reflexões, procurarmos maneiras de amenizar as desigualdades apontadas. A pergunta é: Será que estamos formando indivíduos capazes de enxergar estas desigualdades e se angustiar a ponto de criar formas de intervir?

A reflexão bioética tem como responsabilidade primordial trazer à tona estes debates, e fazer sepultar o pensamento inaceitável da visão neoliberal que muitas vezes impera em nosso ambiente acadêmico, e que transformam estas desigualdades em problemas comuns, nada mais que reflexos da globalização ou de uma nova ordem mundial, problemas naturais e muitas vezes imutáveis. É responsabilidade desta ciência chamada bioética olhar para nossa sociedade e deixar claro quem são os verdadeiros vulneráveis, e como podemos concretizar ações éticas e sociais que possam caminhar contra esta realidade, e principalmente discutir, durante as aulas das mais diversas disciplinas, como amenizar esta realidade.

Tendo em vista a grande dimensão obtida pelo estudo da bioética nas últimas décadas, ganha em importância a forma que estes assuntos vão ser discutidos dentro do ambiente acadêmico, pois é clara a importância de discutir, tanto no ensino básico, como no ensino médio e superior. Os educadores então vendo a si próprios em um verdadeiro dilema, pois como podemos discutir uma ciência tão pluralista e transversal a partir dos moldes pedagógicos sobre os quais é alicerçado o nosso ensino nos dias de hoje?

A resposta pode estar associada a uma metodologia autônoma, muito bem definida por Paulo Freire em seu *Pedagogia da autonomia*, no qual ele descreve uma pedagogia intimamente ligada à ética e à reflexão autônoma, uma pedagogia capaz de fazer o aluno refletir sobre os problemas sociais por ele enfrentados diariamente, e que exige do docente muito além do conhecimento técnico do assunto a ser lecionado.

Pedagogia progressista ou pedagogia crítico-social

A pedagogia progressista nasce com Georges Snyders, com a obra *Pedagogia progressista, para onde vão as pedagogias não diretivas*, inicialmente alvo de muitas críticas, pois foi discriminada como sendo uma pedagogia marxista voltada à instalação de um pensamento político socialista. Posteriormente, em outras obras, Snyders passa a ser analisado com um olhar mais ameno por diversos educadores, pois nessas obras ele relata a alegria do apreender e assim verificar a realidade que cerca o aluno, ou seja, o mundo em que ele vive.

Snyder deixa claro os princípios básicos para uma pedagogia mais progressista, defendida,

além de pelo já citado Paulo Freire, por outros educadores. Os princípios básicos para a execução dessa metodologia pedagógica são:

- Um ensino que deixe claro ao aluno como é a sociedade em que ele está inserido
- A necessidade, no processo de ensino-aprendizagem, de o professor servir como guia, orientando o aluno a tecer o seu conhecimento, tendo um autodomínio para assim ter possibilidade de apreender o real e sobre ele atuar.

A pedagogia proposta pelo autor tem como objetivo levar ao aluno um conhecimento verdadeiro, científico, que lhe possibilite uma formação e posse do conhecimento acumulado pela humanidade, para que com isso este aluno possa ter autonomia para participar de maneira efetiva das lutas de seu tempo, para que ele possua armas para poder intervir em sua realidade e na realidade que o cerca. Isto só é possível se o conteúdo ministrado estiver condizente com a realidade social em que este aluno está inserido, e ao mesmo tempo lhe fornecer subsídios para uma análise crítica, que o faça assim buscar soluções para os problemas analisados.

O papel do educador nesse tipo de pedagogia é fundamental, pois é ele que vai guiar os alunos em suas buscas, de maneira autônoma, e assim ajudá-los a encontrar o caminho do conhecimento. Por isso não se trata de transmitir conhecimentos que o professor ache importantes, mas permitir que os alunos enxerguem a realidade e busquem conhecimentos para nela intervir.

Na pedagogia progressista, o papel do educador é de maior responsabilidade, pois sai de cena o professor que segue os preceitos do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” para entrar um educador que vive o que prega, que personifica suas palavras em seus gestos. Mostrando mais do que a técnica, ele deve agora ser o exemplo corporificado da bioética, tanto nas ações pedagógicas com a sala, como em suas ações de vida. O educador deve aceitar o novo, e execrar qualquer forma de discriminação, e deve acima de tudo evitar ser o “dono da verdade”, pois este educador sabe que é um ser inacabado e que a cada dia ele realmente aprende com seus alunos — pois, como diz Freire: “onde há vida há inacabamento” —, sendo um verdadeiro mediador, não de maneira anárquica, mas sim de maneira metodológica e com autoridade, mantendo a autonomia ao discente.

Para o docente dessa pedagogia progressista, a ação ensino-aprendizagem não se faz de

forma “bancária”, vale dizer, de uma forma em que o professor apenas deposita o conhecimento, mas este processo está sempre intimamente ligado a um outro, de análise política-social, sem partidarismo mas atento à sociedade e suas transformações, já que acredita que o saber vem de fora, e sempre ao encontro das experiências vividas pelos discentes, experiências estas que, com maestria, devem ser conduzidas ao aprimoramento do conhecimento específico (Libâneo, 2002).

Hoje, diversos estudiosos da ética buscam reflexões mais distantes de conceitos morais e religiosos rígidos, pois somente com um pensamento livre e totalmente autônomo, o indivíduo é capaz de tomar a melhor decisão sobre uma situação que apresente um conflito ético. É a chamada “ética de reflexão autônoma” (Segre, 1999). A melhor maneira de fazer florescer um pensamento ético autônomo é certamente por intermédio de uma pedagogia que permita ao educando buscar respostas via uma problemática que o transforme em parte de sua realidade, e capaz de a alterar.

Na bioética, em que a análise da realidade social é hoje fortemente discutida, na qual discutimos o melhor tratamento para um paciente terminal, por intermédio da qual refletimos sobre o aproveitamento das células-tronco embrionárias em busca de melhores alternativas terapêuticas para vários tipos de doenças ou a alocação dos escassos recursos públicos na saúde, será ético lecionar de outra forma? Seria ético conduzir o aluno a conhecimentos pragmáticos fechados e conceituais, que não estimulam sua visão crítica do mundo, de sua profissão ou da sociedade em que está inserido?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável, hoje, a importância da bioética como formadora de um indivíduo capaz de analisar seus atos, e também daqueles que o cercam, com uma visão crítica, tentando criar uma afinidade entre a prática da profissão e da cidadania com uma visão ética e humanística da sociedade. É de fundamental importância que os conhecimentos obtidos através de anos de reflexões, desde grandes filósofos até os pensa-

dores contemporâneos, sejam transmitidos a crianças e jovens, mas de maneira autônoma, criando assim uma capacidade crítica em indivíduos que no futuro tenham condições de intervir em realidades que hoje podem parecer imutáveis para alguns, mas que são angustiantes para tantos outros.

A chamada pedagogia progressista ou pedagogia crítico-social, como vem sendo rotulada por muitos, é uma forma que deve ser considerada por educadores que discutem a bioética dentro de nossas escolas, e com isso estimular os alunos a enxergar a sociedade em que vivem de maneira crítica, de instigá-los a buscar maneiras de intervir nesta realidade e de, com isso, poderem construir uma sociedade na qual existam menos vulneráveis, e em que a equidade deixe de ser utópica.

Para o pensamento bioético, não pode bastar apenas a discussão sobre os problemas existentes, mas ele também deve buscar de maneira incansável maneiras de intervir e amenizar estes problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCHIFONTAINE, C. de P. Bioética, cidadania e controle social. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 28, n. 3, 2004.

CARVALHO, R.M.B. **Georges Snyders, em busca da alegria na escola**. Disponível em: <<http://www.escolaonline.pro.br>>

FORTES, P. A.C. Bioética, equidade e políticas públicas. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2002.

DURAND, G. **Introdução geral a bioética: história, conceitos e instrumentos**. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 28.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBANÊO, J.C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos**. 18.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SEGRE, M.; COHEN, C. **Bioética**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

*Recebido em 25 de janeiro de 2006
Aprovado em 16 de fevereiro de 2006*